

Prefácio

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Como citar: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Prefácio. *n*: CECON, Kleber; PEREIRA, Reinaldo S; MARQUES, Ubirajara R. de A. (org.). **Amizade e sabedoria:** Festschrift em homenagem a Antonio Trajano. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.9-13. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-567-4.p9-13>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Quando recebi o convite dos Professores Ubirajara Rancan de Azevedo Marques, Reinaldo Sampaio Pereira e Kleber Cecon, do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Unesp, Câmpus de Marília, para fazer o prefácio deste livro em homenagem ao Professor Doutor Antonio Trajano de Menezes Arruda ou, como todos nós o chamamos, Trajano, considerei que fui agraciada com honrada distinção.

Adianto que não sou da área de Filosofia, porém, tenho muita admiração e respeito pela Filosofia, em especial pelo Departamento de Filosofia. Sendo muito franca, pensei bastante sobre os motivos pelos quais os Professores me convidaram para esta honrada tarefa. Depois de pensar em

<https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-567-4.p9-13>

várias possibilidades sobre minha trajetória aqui na Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, Câmpus de Marília: ter exercido a presidência da Comissão Permanente de Pesquisa da FFC, por duas vezes, ter coordenado as bibliotecas da Unesp, ter sido Diretora da FFC e ter participado de vários colegiados, bem como do cotidiano, desde 1978, estou fortemente inclinada a acreditar que essa escolha se deveu ao fato de que, muito antes disso tudo, eu pude trocar ideias sobre a atividade de Tutoria que Trajano realizou, durante muitos anos, com os alunos da Filosofia. Adianto que minha percepção é de alguém de outra área de conhecimento aplicado e que se coloca na posição de observadora, com admiração.

Início da década de 90, eu ministrava uma das disciplinas da graduação, aos sábados de manhã, e, nessas ocasiões, eu encontrava Trajano, logo cedo, na frente da porta da sala 42, no aguardo da chegada dos alunos. Ali mesmo na porta eu o saudava. Se eu fechar meus olhos, eu o vejo perfeitamente com sua postura elegante e semblante de olhar calmo e simpático, mas sempre positivamente franco. Sempre parava para questioná-lo sobre casualidades da Faculdade, da vida acadêmica e tal e, depois, seguia para a sala de aula onde os alunos do Curso de Biblioteconomia me aguardavam. Em uma dessas conversas ao pé da porta da sala de aula, perguntei-lhe da disciplina que ministrava todos os sábados e ele sorriu de leve, dizendo que não era uma disciplina e que estava ali para realizar Tutoria aos alunos que se interessavam e que tinham necessidade de aprofundamento teórico. Explicou que a Tutoria era um acompanhamento intelectual de modo livre sobre diversos temas nos quais a Filosofia era necessária, se propunha resolver e, principalmente, para permitir a expressão do pensamento.

Após vários desses encontros de Tutoria, aos sábados, aconteciam os eventos organizados com os alunos da graduação em Filosofia, a fim de realizar os debates acerca dos temas das monografias, em defesas públicas na Faculdade. Essas defesas eram arguições acaloradas entre vários alunos da Filosofia, que ficavam à frente da antiga sala de aula (onde hoje está a Seção de Graduação) e muitos alunos e professores das demais áreas de graduação (eram cinco, naquela década: Ciências Sociais, Pedagogia, Biblioteconomia, Fonoaudiologia e Filosofia) acompanhavam, com muita atenção, todas as arguições proferidas. Foram realizados vários debates que

motivaram muitos alunos, não só do Curso de Filosofia, mas das outras áreas. Eram diálogos nos quais a troca de conhecimentos se fazia dinamicamente, entre camadas teóricas mais profundas com a percepção mais superficial, o que facilitava a compreensão de quem, como eu e a maioria, assistíamos com interesse.

Eu, principalmente, confesso que fiquei entusiasmada com a performance intelectual dos alunos de graduação, durante os instigantes debates que exigiam conhecimento, mas, sobretudo, curiosidade e postura investigativa diante das inúmeras variáveis ali postas e continuamente questionadas.

O aprofundamento teórico dava suporte à dinâmica do debate. Algo que acontecia naturalmente entre os debatedores e a cada debate, concretizado publicamente, é que se notavam os comentários cada vez mais argutos e perspicazes, com velocidade de pensamento, mas carregados de conhecimento. Era o exercício da Tutoria de todos os sábados, não restavam dúvidas!

Essa dinâmica que a Tutoria produzia com os alunos e professores da Filosofia me influenciou e me transformou profundamente, devo confessar. Embora não tivesse a formação em Filosofia como teve Trajano, passei a acreditar que seria possível ter um processo de formação de pesquisadores em cada curso de graduação, com Tutorias individuais ou em grupo.

Trajano comenta sobre o que é, como se originou e se implantou a Tutoria no Curso de Filosofia de Marília, em entrevista publicada por Moraes e Girotti (2013). Foi inusitado, porque tive o prazer de ler inteiramente e foi como se ele estivesse explicando outra vez para mim, tal como nas manhãs de sábado, antes do início das aulas. Nessa entrevista, vemos como o espírito de transformação mental e intelectual pelo ensino permeia a trajetória acadêmica de Trajano e como a Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília foi inteiramente beneficiada com a Tutoria e com o ideal de Filosofia de Trajano.

Um dos exemplos, mesmo que distante da Filosofia e de se tornar um pesquisador em Filosofia, como idealizou Trajano, em sua entrevista (Moraes; Girotti, 2013), foi a proposta de orientação de iniciação científica

no Curso de Graduação em Biblioteconomia e, depois, para a Graduação em Arquivologia. Implantada no início da década de 90, a orientação de trabalhos de conclusão de curso iniciou-se como disciplina na grade curricular, devido ao aprimoramento crescente da prática de orientação. Considerando-se os benefícios resultantes, foi especialmente interessante concluir que não só os alunos aprenderam com a orientação de iniciação científica, mas nós, professores, aprendemos a orientar na perspectiva da troca de conhecimentos entre orientando e orientador. Nasceu dessa prática transformadora de orientação a vontade de avançar para a orientação em nível de pós-graduação, uma ousadia que víamos com um misto de desafio a ser perseguido e de necessário progresso com nossos orientandos. Quando terminavam a graduação e após o esforço da iniciação científica realizado, os egressos nos procuravam para a continuidade da pesquisa, em nível de pós-graduação, com o desejo de continuar a avançar. O esforço científico efetivado em torno de temáticas construídas pelo processo de orientação organizou linhas de pesquisa que direcionaram a trajetória acadêmico-científica de todos os envolvidos, orientandos e orientadores, e foi determinante para a existência da Pós-Graduação e o amadurecimento da área de Ciência da Informação.

Quando participei da Comissão Permanente de Pesquisa, em 1993 e em 1997, como membro e como presidente, em duas gestões, a proposta de todos para fazer a mudança de rumos acadêmicos e transformar a FFC foi, principalmente, com base no aumento da iniciação científica na graduação, pelo incentivo à atividade de orientação individual e coletiva no contexto de todos os cursos de graduação. A existência desse incentivo teve o objetivo de “movimentar as bases”, por meio do alunado de graduação com interesse e participação demonstrados até a atualidade.

Ao lado da experiência de orientação individual e, sobretudo, coletiva ou em grupos, surgiu a proposta de Grupos de Pesquisa, muito favorecida pela criação do Diretório de Grupos de Pesquisa pelo CNPq, existente até hoje. Em realidade, a Tutoria em grupo teve a oportunidade de institucionalização.

Nas palavras de Trajano, “A criação da Tutoria foi marca distintiva do nosso curso. Mas atualmente há outros cursos de Graduação que pra-

ticam essa modalidade” (Moraes; Girotti, 2013, p.12). Da mesma forma, podemos afirmar que a marca distintiva da FFC foi Trajano, o Curso de Filosofia e, em especial, a Tutoria. Faço essa afirmação em nome de todos os docentes ativos e inativos, discentes e egressos, alguns deles como autores deste livro em homenagem a Trajano.

MORAES, J. A.; GIROTTI, M. T. Entrevista com o Prof. Dr. Antonio Trajano Menezes Arruda. *Kínesis*, v. 5, n. 9, p.1-20, jul. 2013.